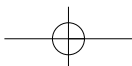
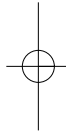
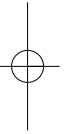
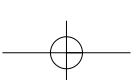
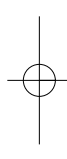
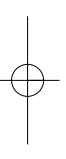


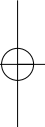
Danças e Contradanças





Joanne Harris
Danças e Contradanças

Traduzido do inglês por
Teresa Curvelo





Leya, SA

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2004, Joanne Harris

© 2009, Joanne Harris e LeYa, SA

Capa: Rui Belo/Silva!designers

Revisão: Clara Joana Vitorino

1.ª edição ASA Editores, SA, Novembro de 2004

1.ª edição BIS: Julho de 2009

Paginação: Júlio de Carvalho, Artes Gráficas

Depósito legal n.º 293 825/09

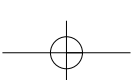
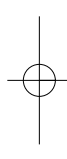
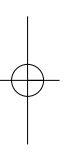
Impressão e acabamento: Litografia Rosés, Barcelona, Espanha

ISBN: 978-989-660-027-3

<http://bisleya.blogs.sapo.pt>

Índice

<i>Prefácio</i>	9
<i>Fé e Esperança vão às compras</i>	11
<i>A Irmã Feia</i>	25
<i>Gastronomicon</i>	33
<i>Falso ouro</i>	45
<i>O curso de 1981</i>	53
<i>Olá, adeus!</i>	69
<i>Um espírito livre</i>	83
<i>Auto-de-fé</i>	87
<i>O espectador</i>	98
<i>O mundo de cabedal de Al e Christine</i>	104
<i>O último comboio para Dogtown</i>	115
<i>O Gene G-SUS</i>	129
<i>Um lugar ao sol</i>	136
<i>Chá com pássaros</i>	142
<i>Pequeno-almoço no Tesco's</i>	151
<i>Venha, Mr. Lowry, chegou a sua vez!</i>	168
<i>À espera de Gandalf</i>	180
<i>Qualquer miúda pode ser uma Miúda-Bombom</i>	200
<i>A pequena sereia</i>	203
<i>Peixe</i>	216
<i>Nunca beijes um vampiro...</i>	228
<i>Eau de toilette</i>	233
<i>Agradecimentos</i>	239

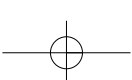
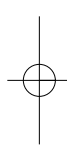
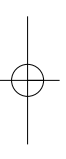


Nota da Tradutora

Esta colectânea de contos revela novas dimensões do talento literário de Joanne Harris – cultura, imaginação, diversos registos de escrita, sensibilidade, vários tipos de conto sem preconceitos de género, ironia, ternura, e uma cáustica crítica social.

Pela sua ligação a diversos níveis da realidade inglesa, pelo frequente uso de expressões idiomáticas e coloquiais, pela utilização de diversos ícones e símbolos da cultura geral e popular, pela recriação irónica de nomes, pelas piscadelas de olho, etc., a que acresce uma constante mudança de estilo, de registo e de tom de conto para conto, trata-se de uma obra com peculiares dificuldades de tradução, que se procurou resolver respeitando o mais possível o espírito original e a correspondência o mais fluente e adequada possível à língua portuguesa.

Há, no entanto, como sempre, aspectos «intraduzíveis», expressões que não têm correspondente, referências que são estranhas à nossa realidade, pelo que, nos casos que se nos afiguraram mais justificados, se elaboraram algumas notas especificamente linguísticas ou de carácter mais geral.



Prefácio

É maravilhoso constatar que, após um período de reclusão, o conto voltou finalmente à liça. Um bom conto – e há por aí alguns contos *muito* bons – pode permanecer conosco durante muito mais tempo do que um romance. Um conto surpreende, inflama, ilumina e impressiona de um modo que o formato mais longo não permite. É muitas vezes perturbador, frequentemente assustador ou subversivo. Faz interrogações, ao passo que a maior parte dos romances tende a dar-lhes resposta. De todos os livros que tenho lido e amado, acho que é dos contos que me lembro com maior nitidez, desses vislumbres fulgurantes e anárquicos de mundos diferentes, de gente diferente.

Alguns deles ainda hoje me perturbam. Continua a angustiar-me o que aconteceu ao Andarilho de Ray Bradbury. Ainda choro com a «Rose for Ecclesiastes» de Roger Zelazny. Ainda me arrepio quando recordo «It's a Good Life» de Jerome Bixby. E sempre que apanho o Metro, sinto uma sensação de inquietude irracional, devida em grande parte a uma história chamada «A Subway Named Moebius¹», apesar de a ter lido aos doze anos e nem sequer me lembrar do nome do autor.

Pessoalmente, acho que a escrita de um conto é difícil e lenta. Condensar uma ideia num espaço tão pequeno, manter as proporções, encontrar o tom, é simultaneamente

¹ «A Subway Named Moebius», de A. J. Deutsch, considerado um expoente máximo de «ficção matemática». (*N. da T.*)

exigente e frustrante. Enquanto demoro cerca de um dia a escrever quatro ou cinco mil palavras para um romance, posso demorar até duas semanas para concluir um conto com o mesmo número de palavras. À semelhança do vinho caseiro do meu avô, os meus contos são essencialmente experimentais. O êxito nunca está garantido; às vezes uma história funciona e outras morre na própria página como uma velha piada sem centelha, sem que para tal haja uma razão descortinável. Mas gosto de contos. Gosto das suas possibilidades, da diversidade, do desafio. Ao longo dos últimos dez anos, tenho escrito – ou tentado escrever – contos. Esta é a primeira vez que são publicados e reunidos numa colectânea.

Fé e Esperança vão às compras

Há quatro anos, a minha avó foi internada num lar de idosos em Barnsley. Antes de ela morrer ia lá muitas vezes e essas visitas estiveram na origem de muitas histórias. Esta é uma delas.

Hoje é segunda-feira, pelo que lá deve vir outra vez o arroz-doce. Não é tanto o facto de se preocuparem com os nossos dentes, aqui em Meadowbank House, mas a habitual falta de imaginação. Como eu dizia a Claire no outro dia, há uma infinidade de coisas que podemos comer sem termos de mastigar. Ostras. *Foie gras*. Abacate com molho *vinaigrette*. Morangos com natas. Leite-creme com baunilha e noz-moscada. Porquê então esta insistência nos pudins moles e na carne pastosa? Claire – uma loura mal-humorada, sempre a mascar pastilha elástica – ficou a olhar para mim como se eu tivesse enlouquecido. Na opinião delas, os pratos extravagantes desarranjam o estômago e Deus nos livre de estimular em demasia as papilas gustativas que nos restam. Vi Hope arreganhar um sorriso ao meter na boca a última garfada de torta e percebi que tinha ouvido o que eu disse. Hope pode ser cega mas não é nenhuma pateta.

Faith e Hope. Fé e Esperança. Com uns nomes como os nossos, podíamos ser irmãs. A Kelly – a que contorna os

* Faith (Fé) e Hope (Esperança), os nomes das duas personagens principais, são traduzíveis, como aliás se indica no próprio título do conto, mas pareceu-nos que, sem perder de vista a simbologia, é mais fiel ao contexto e ao ambiente manter os nomes originais. (N. da T.)

lábios com lápis de modo exagerado – acha que somos esquisitas. O Chris às vezes canta para nós enquanto arruma e limpa os quartos. *Fé, Esperança e Ca-ri-da-de!* Acho que é de todos o melhor. Alegre e irreverente, anda sempre metido em sarilhos por falar connosco. Usa *T-shirts* justas e um brinco na orelha. Costumo dizer-lhe que a última coisa que nós queremos é caridade, o que o faz rir. Chama-nos Hinge e Brackett¹. Butch e Sundance².

Não estou a dizer que isto aqui seja mau. É apenas *vulgar*, mas sem a vulgaridade acolhedora e confortável de uma casa, com o pó e a desarrumação familiares, e sim a vulgaridade das salas de espera e de hospitais, um lugar a cheirar a detergente, a vaporizador do ambiente e a arrastadeiras escondidas debaixo da cama. Em regra, não recebemos muitas visitas. Eu sou uma das poucas felizardas. O meu filho Tom aparece de quinze em quinze dias com as minhas revistas, um ramo de crisântemos – os últimos eram amarelos – e com as notícias que acha que não me vão incomodar. Contudo, não é muito dado a conversas. *Então, tem passado bem, mamã?* e mais um ou outro comentário acerca do jardim é praticamente tudo o que lhe consigo arrancar, mas não faz por mal. Quanto a Hope, já cá está há cinco anos – há mais tempo do que eu – e ainda não recebeu uma única visita. No Natal passado ofereci-lhe uma das minhas caixas de chocolates e disse-lhe que tinham sido mandados pela filha da Califórnia. Brindou-me com um dos seus sorrisinhos sardónicos.

– Se foi a Priscilla que mandou isso, minha querida, então tu és a Ginger Rogers – disse com um ar pomposo.

Ri-me. Há vinte anos que estou numa cadeira de rodas e a última vez que dei uns passos de dança foi antes de os homens deixarem de usar chapéu.

¹ *Hinge and Brackett* (Dr. Evadne Hinge e Dame Hilda Brackett) – série de TV muito popular em Inglaterra. (N. da T.)

² Butch Cassidy e The Sundance Kid – dois bandidos que assaltavam bancos e comboios. Deram origem a um filme de George Roy Hill, interpretado por Paul Newman e Robert Redford. (N. da T.)

Mas as duas cá nos vamos desenvenilhando. Hope empurra a cadeira e eu guio-a. Não que haja muito para guiar por estas bandas, basta usar as rampas. Mas as enfermeiras gostam que tiremos partido dos nossos recursos. Não encaixa no seu esquema desperdiçar talentos ou agir de modo abúlico, por uma questão de ética. E, claro, eu leio para ela. Hope gosta de histórias. Na verdade, foi ela quem primeiro me instigou a ler. Já lemos *O Monte dos Venda-vais*, *Orgulho e Preconceito* e o *Doutor Jivago*. Não há muitos livros aqui, mas a carrinha da biblioteca faz a ronda de quatro em quatro semanas e pedimos à Lucy que nos vá lá buscar qualquer coisa interessante. A Lucy é uma estudante universitária que está a fazer um estágio profissional, e por isso sabe o que deve escolher. Mas a Hope ficou furiosa quando ela não nos deixou ler a *Lolita*. A Lucy achou que não era um livro apropriado para nós.

– Um dos maiores escritores do século vinte, e você acha que não é *apropriado* para nós!

Hope tinha sido professora em Cambridge e ainda não perdera a antiga entoação metálica e imperativa. Mas eu era capaz de apostar que a Lucy nem sequer a ouvia. Arvoraram aquela expressão – mesmo as mais inteligentes –, aquele sorriso-de-educadora-de-infância como quem diz: *Eu é que sei. Eu é que sei, porque vocês são velhas.*

– Lá temos mais uma vez o prato de arroz-doce – comenta Hope. – Arroz-doce para o espírito.

Se, por um lado, foi Hope quem me ensinou a apreciar a literatura, por outro lado fui eu que a iniciei nas revistas. As revistas são a minha paixão desde há anos: as páginas de moda e de mexericos sociais, de restaurantes e de crítica de cinema. Comecei pelas críticas de livros, enfraquecendo-lhe sub-repticiamente as defesas com um artigo aqui, uma página de moda acolá. Descobrimos que eu tenho um certo talento descritivo e agora vadiamos pelas páginas de efemérides, delicias e excitadas, suspirando pelos diamantes da Cartier, pelos *bâtons* e *blushes* da Chanel, e pelas roupas inacessíveis. É realmente estranho. Quando era nova essas coisas não me interessavam. Penso que a Hope era

mais elegante do que eu – de resto, sempre havia os bailes da faculdade, as festas da academia e os piqueniques de Verão à beira-rio. Agora somos ambas iguais. Temos o chique típico de um lar de idosos. Aqui as coisas tendem para um certo comunitarismo – algumas pessoas esquecem-se do que lhes pertence, o que dá azo a algum surripianço. Trago sempre comigo as coisas mais preciosas, na prateleira inferior da minha cadeira de rodas, e escondi o dinheiro e as jóias que me restam na almofada do assento.

Aqui, as pessoas não podem ter dinheiro. Não há nada onde gastá-lo e não podemos sair sem ser acompanhadas. A porta tem uma fechadura com código e algumas pessoas tentam esquivar-se, aproveitando a saída das visitas. A Mrs. McAllister – noventa e dois anos, esperta e louca de todo – continua a conseguir escapulir-se. Está convencida de que vai para casa.

Tudo deve ter começado com os sapatos. Uns sapatos de verniz lustrosos, abertos, vermelho maçã cristalizada, com saltos resistentes, que descobri numa das minhas revistas e recortei a ilustração. Às vezes pegava nela e ficava a olhá-la, a sós, sentindo-me atordoada e levemente perplexa, sem saber porquê. Não se tratava da fotografia de um homem nem de nada do género. Eram uns simples sapatos. Tanto eu como Hope usamos o mesmo tipo de calçado: chinelos de imitação de couro, grumosos, de um bege papa de aveia, óbvia e inquestionavelmente *adequados*, embora em segredo sonhássemos com uns Manolo Blahniks de plástico transparente, com saltos de quinze centímetros, com umas *mules* Gina em camurça fúcsia, ou ainda uns Jimmy Choos de seda pintada à mão. Claro que é absurdo. Mas eu *queria* aqueles sapatos com uma ansiedade quase assustadora. Queria, ao menos uma vez, entrar nas páginas lustrosas e alegres de uma das minhas revistas. Provar as receitas; ver os filmes; ler os livros. Para mim os sapatos representavam tudo isso, com o seu carmesim vivo e impudente e os saltos manifestamente impraticáveis. Uns sapatos feitos para tudo – para nos espreguiçarmos com indolência, deixarmos correr o tempo ociosamente, divagarmos, pavonearmo-nos, *voarmos* – tudo menos andar.

Guardei o recorte na carteira, e uma vez por outra tirava-o para fora e desdobrava-o como se fosse o mapa de um tesouro escondido. Não levou muito tempo até Hope descobrir que eu lhe escondia qualquer coisa.

– Sei que é estúpido – disse eu. – Talvez comece a ficar excêntrica. Se calhar ainda acabo como a Mrs. Banerjee, a vestir dez casacos e a roubar a roupa interior dos outros.

Hope riu-se.

– Não creio, Faith. Compreendo-te perfeitamente. – Tacteou a mesa que tinha à frente à procura da chávena de chá, mas achei que não lhe devia guiar a mão. – Queres fazer qualquer coisa inconveniente. Eu quero um exemplar da *Lolita*. Tu queres um par de sapatos vermelhos. Ambas as coisas são igualmente impróprias para pessoas como nós. – Aproximou-se mais, baixando a voz. – Vem alguma morada nessa página? – perguntou.

Havia e eu disse-lhe. Era uma morada em Knightsbridge. Mas tanto fazia ser na Austrália.

– Hei! Butch e Sundance! – Era o jovial do Chris, que tinha vindo lavar as janelas. – Estão a planear um assalto?

Hope sorriu.

– Não, Christopher – respondeu, maliciosa. – Uma evasão.

Planeámos tudo com a argúcia furtiva de prisioneiras de guerra. Dispúnhamos de uma enorme vantagem: o elemento surpresa. Não éramos foragidas habituais como a Mrs. McAllister, mas prisioneiras bem-comportadas, perfeitamente lúcidas e imobilizadas. Sugeri que teria de haver uma manobra de diversão. Qualquer coisa que afastasse a enfermeira de serviço da secretária, deixando a entrada desguarnecida. Hope passou a ficar à espreita junto da porta, de ouvido atento aos números marcados no teclado da fechadura até ter quase a certeza de saber repetir a combinação. Cronometrámos o tempo com a precisão de antigos veteranos. Na sexta-feira de manhã, quando faltavam nove minutos para as nove na sala de estar, peguei numa ponta de cigarro do Mr. Bannerman e escondi-a no cesto de metal

cheio de papéis, no meu quarto. Quando faltavam oito minutos, Hope e eu estávamos no vestíbulo a caminho da sala do pequeno-almoço. Dez segundos depois, tal como esperava, o alarme soou. Ouvi a Mrs. McAllister a gritar no nosso corredor:

– Fogo! Fogo!

Era a Kelly que estava de serviço. A esperta da Lucy podia lembrar-se de trancar as portas. A bronca da Claire talvez não abandonasse sequer a secretária. A Kelly, porém, pegou no extintor de incêndio da parede mais próxima e precipitou-se para onde vinha o barulho. Hope empurrou-me em direcção à porta e tateou à procura do teclado da fechadura. Faltavam sete minutos para as nove.

– Depressa! Ela pode voltar a qualquer momento!

– Chiu. – *Bip-bip-bip-bip*. – Consegui. Eu bem sabia que algum dia havia de descobrir alguma utilidade para as lições de música que tive em criança.

A porta abriu-se. O cascalho iluminado pelo sol rangeu sob os nossos pés.

Era aqui que Hope precisava da minha ajuda. No mundo real não havia rampas. Tentei não olhar, hipnotizada, para o céu, para as árvores. Há mais de seis meses que Tom não saía comigo para fora do edifício.

– Em frente. Vira à esquerda. Pára. Há um buraco à nossa frente. Cuidado. Outra vez à esquerda.

Lembrava-me de uma paragem de autocarro mesmo de frente dos portões. Os autocarros funcionavam como mecanismos de relógio. Passavam sempre cinco minutos antes da hora e vinte cinco minutos depois. Da sala comum podíamos ouvi-los, quando passavam a buzinar e a roncar como pensionistas irritadiços. Durante um instante terrível, convenci-me de que a paragem de autocarro se tinha sumido. Havia obras na via onde antes se encontrava e uns postes pequenos delimitavam a berma da calçada. Foi então que a vi, uns cinquenta metros mais abaixo, uma paragem de autocarro provisória assinalada num poste metálico baixo. O autocarro surgiu no cume da colina.

– Depressa! Em frente a toda a velocidade!

Hope reagiu com rapidez. Tem umas pernas compridas e ainda musculosas. Praticava *ballet* em miúda. Inclinei-me para a frente, segurando a carteira com força, e estendi a mão. Ouvei um grito nas nossas costas. Ao olhar para trás, para as janelas de Meadowbank Home, avistei a Kelly na janela do meu quarto, de boca aberta, a gritar qualquer coisa. Por segundos assaltou-me a dúvida quanto ao facto de o autocarro poder ou não transportar uma senhora de idade numa cadeira de rodas, mas como se tratava do autocarro que fazia o percurso do hospital, tinha uma rampa especial. O motorista lançou-nos um olhar indiferente e fez-nos sinal para subirmos. Hope e eu estávamos já dentro do autocarro, abraçadas uma à outra e a rir como duas colegas irreflectidas. As pessoas olhavam para nós, mas sem qualquer suspeição. Uma rapariguinha sorriu-me. Tomei consciência de há quanto tempo não via uma pessoa jovem.

Apeámo-nos na estação de caminho-de-ferro. Com uma parte do dinheiro que guardava na almofada do assento comprei dois bilhetes para Londres. Senti uma ponta de pânico quando o homem da bilheteira me pediu o passe, mas Hope explicou-lhe, na sua voz de professora de Cambridge, que pagávamos o bilhete inteiro. O homem da bilheteira coçou a cabeça durante um momento, mas depois encolheu os ombros.

– Como queiram – disse.

O comboio era comprido e cheirava a café e a borracha queimada. Guiei Hope ao longo da plataforma até ao sítio onde o guarda-linha colocara uma rampa.

– Uma visitinha à cidade, não é, minhas senhoras? – O guarda-linha tinha qualquer coisa que fazia lembrar o Chris, com o boné repuxado para trás num jeito algo arrogante. – Deixe-me ajudá-la, minha querida – disse, dirigindo-se a Hope, indicando a cadeira de rodas, mas Hope abanou a cabeça.

– Eu empurro, obrigada.

– Sempre a direito, minha velha – disse eu. Vi que o guarda-linha reparara que a Hope era cega, mas não disse nada. Fiquei contente. Nenhuma de nós suporta esse tipo de coisas.

Tinha na carteira o recorte de papel com a morada de Knightsbridge. Depois de nos sentarmos na carruagem do guarda-linha (com café e *scones* que o simpático homem nos trouxe), voltei a desdobrá-lo. Hope ouviu-me fazê-lo e sorriu.

– Achas ridículo? – perguntei-lhe, voltando a contemplar os sapatos, reluzentes e vermelhos como os chupa-chupas da Lolita. – Estamos a ser ridículas?

– Claro que estamos – respondeu serenamente, bebendo o café em pequenos goles. – Mas não é *divertido*?

Só demorámos três horas a chegar a Londres. Estava à espera de demorar mais tempo, mas os comboios, como aliás tudo o resto, andam mais depressa nos tempos que correm. Bebemos mais uma chávena de café, conversámos com o guarda-linha (cujo nome, fiquei a saber, não era Chris mas Barry) e fui descrevendo a Hope a paisagem que conseguia vislumbrar e que passava numa mancha confusa a alta velocidade.

– Não te preocupes – tranquilizou-me Hope. – Não precisas de fazer tudo agora. Vê primeiro e depois contas-me, com toda a calma, quando voltarmos.

Eram quase horas de almoço quando chegámos a Londres. A estação de King's Cross era muito maior do que eu imaginara, toda ela vidro e fuligem. Tentava vê-la o melhor que podia enquanto guiava Hope no meio da multidão de gente de todas as cores e idades. Por momentos, a própria Hope pareceu desorientada, e parámos aturdidas na plataforma sem saber onde se tinham metido todos os carregadores. Toda a gente, à excepção de nós, parecia saber exactamente para onde ia e algumas pessoas de pasta na mão chocavam contra a cadeira de rodas enquanto decidíamos a direcção a tomar. Comecei a sentir a minha coragem a desvanecer-se.

– Meu Deus, Hope – murmurei. – Não sei se vou conseguir sair daqui.

Mas Hope não se assustou.

– Que disparate! – comentou, encorajadora. – Há-de haver táxis... *ali*, de onde vem uma corrente de ar. – Apon-tou para a esquerda, e aí avistei uma placa, por cima das nossas cabeças, onde se lia *Saída*.

– Vamos fazer o que toda a gente faz. Apanhamos um táxi. Em frente! – E com estas palavras, avançámos por entre a multidão apinhada na plataforma, Hope a dizer «Desculpe» no seu sotaque de Cambridge e eu a guiá-la. Voltei a examinar a minha bolsa e Hope soltou uma risadinha. Mas desta vez não estava a ver o recorte da revista. Duzentas e cinquenta libras em Meadowbank House pareciam-me uma riqueza indizível, porém os bilhetes de comboio tinham-me ensinado que também os preços tinham acelerado... durante os anos em que vivêramos afastadas do mundo. Não sabia se o dinheiro ia chegar.

O taxista mostrou-se carrancudo e relutante ao meter a cadeira de rodas no táxi preto enquanto Hope me segurava. Já não sou tão esguia como dantes, e foi um bocado difícil para ela, mas lá conseguimos.

– Vamos almoçar? – sugeri, com excessiva vivacidade, para afastar o travo amargo da expressão do motorista.

Hope assentiu.

– Vamos a qualquer lado onde não haja arroz-doce – disse, sibilina.

– Ainda existe a Fortnum and Mason's? – perguntei ao motorista.

– Ainda, minha querida, e o Museu Britânico também – respondeu, acelerando o motor, impaciente. – É o sítio mais indicado para as duas – pareceu-me ouvi-lo murmurar. Inesperadamente, Hope soltou uma risadinha.

– Talvez lá iremos depois – sugeri, suavemente, o que me fez rir também.

O motorista lançou-nos um olhar desconfiado e calou-se, sem deixar de resmungar entre dentes.

Há lugares capazes de sobreviver a tudo e Fortnum's é um deles, uma pequena antecâmara do paraíso, resplandecente de tesouros ocultos. Quando todas as civilizações tiverem soçobrado, Fortnum's lá continuará, com os seus amáveis porteiros e lustres de cristal, o derradeiro, intocável e lendário defensor da fé. Entrámos pelo primeiro andar, atravessando montanhas de chocolates e legiões de fruta cristalizada. A atmosfera era fresca e cremosa a cheirar a bau-

nilha, pimenta-da-jamaica e pêssego. Hope virava a cabeça de um lado para o outro, aspirando o perfume. Viam-se trufas, caviar e *foie gras* em latinhas pequenas e gigantescos garrações empalhados, com ameixas verdes em conhaque envelhecido e cerejas da cor dos meus sapatos de Knightsbridge. Havia ovos de codorniz, nogados e línguas-de-gato em embalagens de papel de arroz e batalhões de luzentes garrafas de champanhe. Apanhámos o elevador para o café no último piso, onde eu e Hope bebemos Earl Grey em chávenas de porcelana, lembrando-nos do serviço de chá de plástico de Meadowbank Home e rindo baixinho. Temerariamente, tentando não pensar nas minhas economias que se iam escoando, pedi para as duas salmão fumado, ovos mexidos sobre *muffins* leves como lufadas de ar, pequenos canapés com anchovas enroladas e tomates secos, presunto de Parma com fatias de meloa, damascos e um *parfait* de chocolate delicado como uma carícia.

– Se o Céu for tão agradável como aqui – murmurou Hope –, mandem-me já para lá.

Até a paragem obrigatória nos lavabos foi uma revelação: azulejos limpos e brilhantes, flores, toalhas macias cor-de-rosa, sabão perfumado para as mãos e perfume. Aspergi Hope com colónia de frésias e fiquei a olhar as nossas imagens reflectidas num dos imensos espelhos reluzentes, convencida de que devíamos ter um aspecto um tanto ou quanto insípido, senão mesmo um pouco ridículo, enfiadas nos nossos casacos de malha tipo lar-de-idosos e nas nossas pudicas saias. E talvez tivéssemos. Mas tive a sensação de que parecíamos diferentes, douradas. Pela primeira vez, via Hope como ela devia ter sido e via-me a mim também.

Demorámo-nos muito tempo no Fortnum's. Visitámos as secções de chapéus, lenços, carteiras e vestidos. Gravei tudo na minha memória para contar mais tarde a Hope. Ela empurrou a minha cadeira de rodas através de florestas de *lingerie*, de casacos e de vestidos de noite como uma lufada de ar estival, enquanto passava os dedos finos e elegantes pelas sedas e peles. Foi com relutância que saímos. As ruas eram maravilhosas, mas faltava-lhes brilho; ao observar as

peessoas que se cruzavam connosco apressadas, arrogantes ou indiferentes, voltei a experimentar uma sensação próxima do medo. Fizemos sinal a um táxi.

Começava a ficar nervosa. Um formigueiro de medo percorreu-me a espinha e voltei a desdobrar o papel, com as dobras esbranquiçadas pelo uso. Voltei a sentir-me velha e pouco atraente. E se a empregada da loja não me deixasse entrar? E se fizessem troça de mim? Mas o pior de tudo era a suspeita – a certeza – de que os sapatos eram demasiado caros, de que eu já tinha gasto demasiado, de que talvez nem sequer tivesse o suficiente... Ao avistar uma livraria, satisfeita por ter um pretexto de diversão, mandei parar o táxi e, com a ajuda do motorista, apeámo-nos e comprámos para Hope um exemplar da *Lolita*.

Ninguém disse que talvez fosse impróprio. Hope sorria e segurava o livro, deslizando os dedos pela lombada lisa e impecável.

– Que bem que cheira – comentou, num tom suave. – Já quase tinha esquecido.

O taxista, um negro de cabelos compridos, sorriu de modo malicioso. Era óbvio que se estava a divertir.

– Para onde vamos agora, minhas senhoras? – quis saber.

Não consegui responder. As mãos tremiam-me quando lhe estendi a página da revista com a morada em Knights-bridge. Se ele se tivesse rido, acho que teria desatado a chorar. Já estava à beira das lágrimas. O motorista, porém, limitou-se a sorrir e meteu-se no meio do tráfego intenso.

Era uma loja pequena, com uma única montra com prateleiras de vidro e um único par de sapatos em cada uma delas. Por detrás das prateleiras, avistei um interior elegante, de madeiras claras e vidro, com jarras altas com rosas brancas no chão.

– Pára! – pedi a Hope.

– Que se passa? Está fechado?

– Não.

Vi que a loja estava vazia. Havia um empregado, um rapaz novo vestido de preto, de cabelo comprido e cuidado. Os sapatos da montra eram de um verde pálido, pequenos,

semelhantes a botões prestes a desabrochar. Nenhum deles tinha o preço marcado.

– Vamos entrar! – incitou Hope, no seu sotaque de Cambridge.

– Não sou capaz. É... – não consegui acabar o que ia dizer. Voltava a ver-me velha e sensaborona, sem o toque de magia.

– Impróprio – rosnou Hope trocista, ao mesmo tempo que empurrava a cadeira de rodas para dentro da loja.

Por segundos pensei que ela ia derrubar a jarra de rosas junto à porta.

– À esquerda! – gritei e evitámo-la mesmo a tempo.

O rapaz olhou-nos com curiosidade. Tinha um rosto inteligente e simpático, e senti um certo alívio ao vislumbrar um sorriso nos seus olhos. Mostrei-lhe o recorte.

– Gostava de ver... um par destes sapatos – disse eu, tentando imitar o tom imperativo de Hope, que me saiu velho e trémulo. – Tamanho quatro.

Abriu levemente os olhos, mas não fez qualquer comentário. Virou-se e dirigiu-se à parte de trás da loja, onde avistei prateleiras repletas de caixas à espera. Fechei os olhos.

– Creio que ainda tenho um par.

Tirou os sapatos cuidadosamente da caixa, reluzentes como um chupa-chupa e vermelhos, vermelhos, vermelhos.

– Deixe-me vê-los, por favor.

Pareciam bolas de Natal, rubis, frutos improváveis.

– Quer experimentá-los?

Não fez qualquer comentário à minha cadeira de rodas, aos meus pés velhos e cheios de calos enfiados nas alpergatas cor de aveia. Ajoelhou-se à minha frente, com o cabelo escuro a cair-lhe para o rosto. Descalçou-me os sapatos, delicadamente. Sei que estava a ver as minhas veias inchadas nos tornozelos e a aspirar o aroma a violeta do talco com que Hope me esfrega os pés ao deitar. Com imenso cuidado enfiou-me os sapatos nos pés; senti o peito do pé contrair-se de modo alarmante quando os sapatos ficaram ajustados.

– Posso mostrar-lhe? – Com delicadeza estendeu-me a perna para que eu pudesse ver.

– Ginger Rogers – sussurrou Hope.

Sapatos para uma mulher se pavonear, executar um *chassé*, caminhar a passo largo, elevar-se no ar. Tudo menos andar. Fiquei a contemplar-me demoradamente, de punhos cerrados, e uma doçura impetuosa e ardente invadiu-me o coração. Interrogava-me o que diria Tom se me visse agora. Sentia a cabeça à roda.

– Quanto? – perguntei, com voz rouca.

O jovem indicou-me um preço de tal modo absurdo que primeiro julguei ter ouvido mal; era mais do que eu tinha pago pela minha primeira casa. A tomada de consciência reboou nas minhas entranhas como um objecto a precipitar-se num poço.

– Lamento – ouvi a minha voz balbuciar, longínqua.
– São demasiado caros.

Percebi pela sua expressão que estava à espera daquilo.

– Oh, Faith – disse Hope, afável.

– Não tem importância – disse eu, dirigindo-me aos dois.

– A verdade é que não me ficavam bem.

O rapaz abanou a cabeça.

– Está enganada, minha senhora – disse ele, com um sorriso falso. – Acho que ficavam.

Com toda a delicadeza, voltou a meter na caixa os sapatos vermelhos de São Valentim, de carro de corrida, de maçã cristalizada. A loja, apesar de clara, pareceu ficar um pouco mais sombria quando eles desapareceram.

– Veio cá passar o dia, minha senhora?

Assenti com um gesto de cabeça.

– Sim. Divertimo-nos muito, mas agora são horas de voltarmos para casa.

– É pena. – Estendeu a mão para uma das jarras altas junto à porta e retirou uma rosa. – Não quer uma rosa? – Pô-la na minha mão. Era perfeita, muito perfumada, quase em botão. Cheirava a noites de verão e ao *Lago dos Cisnes*. Naquele momento esqueci por completo os sapatos vermelhos. Um homem – e um homem que não era o meu filho – tinha-me oferecido flores.

Ainda guardo a rosa branca. Meti-a num copo de papel com água durante a viagem de comboio de regresso a casa e

depois mudei-a para uma jarra. De qualquer modo, os cri-sântemos amarelos já estavam murchos. Quando murchar, vou prensar as pétalas – que continuam surpreendentemente perfumadas – e usá-las para marcar as páginas da *Lolita*, que eu e Hope andamos a ler. Talvez não seja muito próprio, mas gostava de ver se elas no-la tentassem tirar.